



# O PE. JOSÉ BERNARDO CORVELO E O SEU MANUSCRITO SOBRE A FREGUESIA DA TERRA-CHÃ

PAULO J. M. BARCELOS\*

TRANSCRIÇÃO E ATUALIZAÇÃO  
DA ORTOGRAFIA DO TEXTO  
ORIGINAL E REDAÇÃO  
DA NOTA BIOGRÁFICA.

\*ASSOCIAÇÃO  
OS MONTANHEIROS.

**HÁ ALGUM TEMPO** chegou à minha posse cópia de um manuscrito de 1892 da autoria do Pe. José Bernardo Corvelo, apontamentos que este escreveu sobre a Terra Chã, freguesia de onde era natural e onde foi cura, a pedido do vigário João Bernardo Corvelo de Ávila que à data, e durante muitos anos, foi vigário dessa mesma freguesia.

Tendo em conta o interesse desta informação para a história da freguesia da Terra Chã, na ilha Terceira, para o inventário da própria igreja, e pelo facto de nunca ter sido publicado (que seja do meu conhecimento), aqui o reproduzimos.

Precede a transcrição do texto alguns dados biográficos sobre a vida do autor.

## José Bernardo Corvelo [1825 – 1898]

Nasceu a 25 de abril de 1825, à época no lugar da Terra Chã, freguesia de São Pedro – ilha Terceira, onde residiam seus pais: António Bernardo Pereira, natural da freguesia de Rabo de Peixe, ilha de São Miguel, e Joaquina do Carmo, natural da Terra Chã, casados a 26 de junho de 1824 na Ermida de Nossa Senhora de Belém sufragânea à paroquial de S. Pedro. O avô materno era Manuel Machado Corvelo, de quem o Pe. José Bernardo Corvelo herdou o sobrenome.

É ordenado padre com 29 anos, celebrando a *Missã Nova* na Igreja de Nossa Senhora de Belém (Terra-chã) no dia 5 de novembro de 1854. Uma semana depois era já cura na Serreta, à época curato das Doze Ribeiras, onde esteve quase uma

década. Em 1856 o Governador Civil Nicolau Anastácio de Bettencourt, por alvará de 25 de janeiro, criou uma comissão responsável por dirigir a edificação de uma igreja na povoação do *Raminho*, tendo nomeado secretário o Pe. José Bernardo Corvelo, que se tornou num dos principais impulsionadores desse projeto, sempre incansável para que a obra chegasse a bom porto. Calcorreou caminhos e canadas a esmolar para esse fim e ofereceu donativos substanciais para a realização deste empreendimento, bem como uma casula preta, uma custódia e uma cruz ambas em prata.

Foi o primeiro vigário da Serreta quando D. Frei Estêvão de Jesus Maria, Bispo de Angra, a 1 de janeiro de 1862 promove este antigo curato ao estatuto de paróquia. Aqui esteve até 7 de setembro de 1863, ano em que o Bispo o nomeou presidente de uma comissão criada com o objetivo de erguer a igreja da Terra Chã, sendo este um dos assuntos que José Bernardo Corvelo trata na primeira pessoa, no documento que a seguir apresentamos.

Em dezembro de 1864 o Pe. José Bernardo Corvelo, sentindo-se algo debilitado, encontrava-se a morar na sua casa na Terra Chã, sem assumir quaisquer funções. O Prelado pede-lhe então para servir como cura coadjuvante na Paróquia de São Pedro, tendo ele, por carta, pedido que o deixassem descansar sem ter de sair para freguesia alheia ao seu domicílio. Perante a insistência do Bispo chegou a propor que, em alternativa, serviria gratuitamente sempre que necessário na paróquia de Belém

(Terra-chã). Esta situação transformou-se num caso, que acabou com a sua suspensão a 23 de dezembro de 1864, pelo período de um mês, do exercício de todas as suas funções “por não ter oferecido causa alguma atendível para a escusa, faltando à obediência prometida no ato da sua ordenação.” Foi atacado e defendido na praça pública, respetivamente pelos jornais “A Terceira” e “O Angrense”.

Não foi possível, a tempo deste artigo, descortinar por onde terá andado entre 1865 e 1872. O seu nome surge, no entanto, a 4 de abril de 1867, numa notícia no jornal O Angrense, que refere ter o Pe. José Corvelo feito um “*bom donativo*” ao Asilo da Mendicidade de D. Pedro V, na Praia da Vitória.

Voltamos a encontrá-lo como vice-vigário entre janeiro de 1873 e início de 1874 na freguesia dos Biscoitos. Foi graças aos seus esforços e iniciativa que se reedificou a Ermida de Santo António junto ao porto desta freguesia.

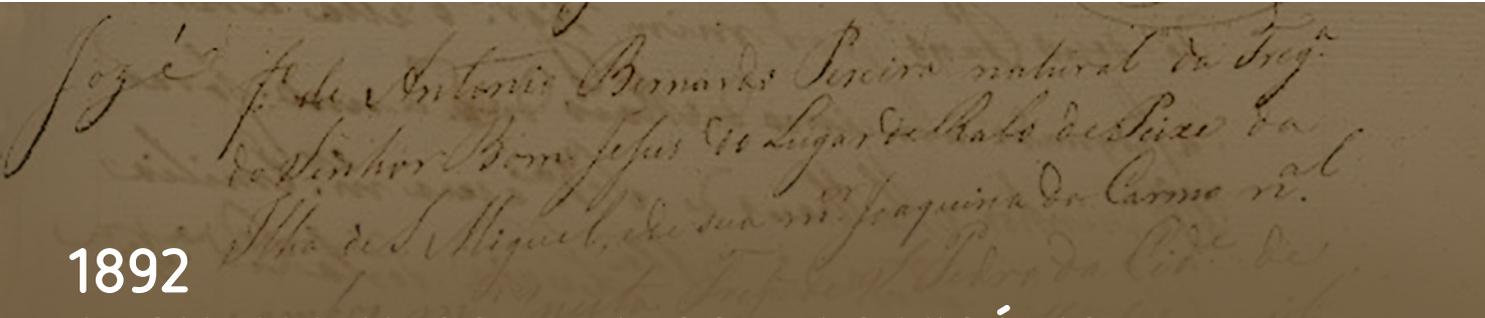
Foi cura na freguesia da Terra-chã, de onde era natural, entre abril de 1874 e 1883, e um dos seus grandes benfeitores, tendo oferecido à igreja uma imagem de S. José, que mandou colocar numa capela que mandou levantar e ornar no lado direito da igreja. Suportou toda a despesa com a imagem de Nossa Senhora de Belém, incluindo o transporte do Porto até esta ilha em 1889, quando já estava colocado na freguesia de S. Mateus. Já antes havia contribuído com somas em dinheiro para benefício da igreja.

Em abril de 1883 está já colocado como cura na freguesia de São Mateus da Calheta. Após a morte do vigário, em junho de 1884, ficou como vice-vigário cerca de um ano. A partir de junho de 1885 e até 1898 ficou como vice-vigário Coadjutor do novo pároco. Nesta freguesia, a necessidade de uma nova Igreja, que substituísse a velhinha igreja em cima da rocha, já vinha sendo sentida há muito. O Pe. José Bernardo Corvelo foi o mentor do projeto de construção da atual igreja, liderando-o numa fase inicial: “*Foi este benemérito Sacerdote que iniciou o plano gigantesco de se fazer uma nova igreja paroquial em lugar adequado*”.<sup>1</sup>

Em 1895 faz-se a bênção da primeira pedra da igreja nova de S. Mateus com missa campal celebrada no local da nova igreja pelo vice-vigário Pe. José Bernardo Corvelo, obra para a qual tanto se tinha esforçado para ver iniciada e que o ocupou até à sua morte.

Faleceu às 11:00 horas do dia 23 de maio de 1898 com 73 anos de idade e 28 dias, numa casa da Canada da Cruz Dourada, em São Mateus em cujo cemitério foi sepultado.

1 Livro de atas da Junta de Paróquia, 1898 a 1908, p. 17v, in História de São Mateus da Calheta, de Liduíno Borba.



1892  
APONTAMENTOS PEDIDOS PELO VIGÁRIO  
JOÃO BERNARDO CORVELO DE ÁVILA,  
VIGÁRIO DE BELÉM, A RESPEITO DA MESMA  
FREGUESIA.<sup>2</sup>

Ilmo. e Rev. Pe.

Em resposta a sua cartinha que recebi digo-lhe que lhe não posso mandar esses apontamentos que tenho de muitas coisas que se arranjaram para essa Igreja e das obras da sacristia nova, tudo com esmolas dos benfeitores, porque é muita papelada, e que seria necessário estar presente para lhe ir dando algumas explicações.

O Sr. Pe. Vigário dos Altares gosta de lhe notificarem muitas coisas, e essa freguesia de Belém é das que mais tem para dizer, mas falta-me o tempo e pachorra para tanto, mas, no entanto, sempre alguma coisa lhe irei dizendo do que souber.

No arquivo paroquial dessa Igreja há de existir ata da bênção da nova Igreja, em que fala, julgo eu, na fundação da antiga Ermida e de seus donos. Hão de existir também documentos de quando se fez a nova Igreja, julgo que a comissão era composta dos paroquianos José Augusto Borges de Menezes, Cândido Corvelo, Miguel Machado Ferreira, Francisco Bernardo da Camara Madureira e julgo que Francisco Luís Froes. Secretário primeiramente foi o atual cura daquele tempo, António Martiniano de Mendonça, e depois na sua ausência o cura António Joaquim Borges (vigário que depois foi do Cabo da Praia) o qual muito coadjuvou a dita obra, e

2 Chamamos a atenção para o facto de não ter sido possível perceber algumas palavras manuscritas no documento original, com os espaços das mesmas devidamente assinaladas nesta reprodução. A grafia de algumas palavras foi atualizada sem que daí tenha ocorrido qualquer outra interpretação das frases, que não a pretendida pelo autor.

de quem eu muito desejava dizer alguma coisa visto que nele se fala, mas será em separado se para isso tiver tempo. Bom será começar pela fundação da Ermida, como já disse, e haverá por lá alguns documentos.

Sendo essa povoação sujeita à freguesia de São Pedro de Angra, o povo pagava então a um capelão que dissesse missa nos dias santificados na dita Ermida de Belém, por ficar a paróquia muito distante. Depois foi criado um curato, com sacrário na mesma Ermida, indo o cura acompanhar os cadáveres até ao marco, ou grotta junto das casas de Francisco de Menezes abaixo das Bicas de Cabo Verde, e os párocos de S. Pedro ali o vinham esperar, tomando conta do cadáver. Outras vezes o dito cura acompanhava-os até ao cemitério de S. Pedro. Conta-se que muitas vezes ia a cavalo, e para não passar a cavalo pela quinta onde habitava o Sr. Bispo, que era na quinta defronte das casas da Sra. D. Maria José, abaixo da casa alta, ele tomava o caminho da Canada dos Folhadais. Em uma ocasião, os que levavam o cadáver, teimaram em ir pelo Caminho de Cima, dizendo: *“esta defunta quando era viva tinha tal horror a essa canada, que nunca foi por ela para a cidade, e pediu que depois de morta a não conduzissem por ali”* ... e o cura não teve remédio senão seguir o cadáver por onde o quiseram levar, isto só com o intuito dele passar a cavalo pela residência do Sr. Bispo, ou então ir a pé. Ignoro como foi. Queixaram-se ao Sr. Bispo dele ir a cavalo, e o Sr. Bispo respondeu: *“quando o cura for a cavalo com o enterro, autorizo os povos a que levem também o defunto a cavalo.”*

Noutra ocasião o Sr. Bispo veio visitar a Ermida, por queixas que lhe fizeram de algumas falhas que haviam e como viesse a cavalo vestido à romana, de casaco comprido, botas e esporas, chegando-se ao altar para abrir o sacrário, o cura negou-lhe a chave do sacrário dizendo: *“não consinto que Vossa Excelência abra o sacrário de botas e esporas!”* Ignoro o resto da conversa.

Depois, sendo cura José Machado Evangelho (que morreu Cónego), começou a prover a Ermida de muitas faltas que haviam, opas, ornamentos, com esmolos do povo, e começou a tratar de fazer representações para que o curato fosse elevado a paróquia, havendo grande oposição da parte dos padres de S. Pedro e, como algumas pessoas diziam que ele não atendia tanto à comodidade dos povos mas sim à sua conveniência e desejos de ser Vigário à custa dos povos, ele para mostrar que podia ser Vigário sem a sua coadjuvação requereu uma vigairaria na ilha Graciosa para onde foi ser Vigário por algum tempo, até que sendo o dito curato elevado a paróquia ele então veio da Graciosa para Belém, tratando do que era necessário e obrigações paroquiais, com todo o zelo e prontidão, tratando da compra e construção do cemitério, porque os enterros continuavam a ser feitos no cemitério de S. Pedro, com bastante incomodo dos povos e párocos. Deu muito trabalho e despesa a sua construção, porque foi preciso desentulhar o cemitério até 9 ou 10 palmos de altura de bagacina vermelha, e depois entulhar de terra acarretada de longe, assim como a alvenaria para os muros. Depois de feito, houve ainda grandes dificuldades para os enterramentos, havendo embargos mesmo já depois de se ter enterrado uma ou duas pessoas. Depois novas representações (como aconteceu no Raminho) por causa da demarcação e ambição do pároco de S. Pedro, ficando afinal a demarcação pela casa alta, em lugar de ser pela grotta de Francisco de Menezes, como era enquanto curato, por a coisa vir de trás.



Assento de batismo do pe. José Bernardo Corvelo.

Conta-se que havia uma Maria Catarina, às Bicas de Cabo Verde, e estando um dia a clamar porque de modo nenhum queria ser freguês de Belém, para quando morresse não a levassem pela ladeira acima da casa alta, de pés para o ar e cabeça para baixo. Um chamado Francisco Machado Carpinteiro, lhe respondeu, batendo-lhe com a mão no ombro: *“até tens toda a razão”*, e olhando para outros que estavam presentes diz: *“morre por exemplo, num caixão destes, em lugar de o arrastarem lá para cima para Belém puxam-no por ali abaixo para S. Pedro num instante”*. *“É verdade, dizeis muito bem”* respondeu ela, *“agora é que me enchestes as medidas.”*

Com estas novas divisões continuou o dito Vigário José Machado Evangelho, até que foi de Vigário para a Igreja da Conceição, com bastante pesar dos povos da freguesia da Belém dos quais era estimadíssimo, e de lá Cónego para a Sé, e afinal sepultado no cemitério de Belém, como 1º Vigário dali, sendo o 2º Vigário Manuel de Sousa Pacheco de Bettencourt, 3º João d’Aguiar Valadão, todos 3 hoje ali sepultados.

Sendo esta freguesia noutra tempo uma das mais ricas da ilha pelo negócio da exportação da laranja, muito concorriam os povos de bom grado com seus donativos para tudo que era necessário. Já hoje com esta grande falta é a mais pobre, no entanto não falta a vontade nos povos, como noutra tempo, de coadjuvar os seus párocos em tudo que é preciso para a Igreja e festividades que se fazem, que não são poucas.

Tem esta freguesia muitas quintas, e quase todas tinham antigamente a sua ermida ou oratório. Por exemplo, começando pela Boa-Hora: (1) quinta em prédio que foi de José Augusto Borges de Menezes, hoje de sua família, com a Ermida de Nossa Senhora da Boa-Hora; (2) quinta do Fisher, hoje do Sr. Emídio, com o seu oratório; (3) quinta de Fernando Joaquim ou de Manuel Augusto Borges, com o seu oratório; (4) quinta que foi de Roberto Luis e colégio que foi de Nossa Senhora da Guia, com o seu oratório; (5) quinta do Morgado José Leite, hoje de João Carlos, com a sua Ermida das Mercês, julgo eu; (6) quinta do morgado João Moniz, com a Ermida de Belém, hoje paróquia; (7) quinta do morgado José da Costa Franco, hoje de seu filho, com o seu oratório; (8) quinta de D. Maria Benedita, no Rolo, hoje do Sr. Sieuve, com a sua Ermida, hoje profanada; (9) quinta do Carvalhal, hoje do Sr. Francisco de Paula Barcelos com a sua ermida de Santa Luzia; (10) quinta de João Marcelino na Fonte Faneca com o seu oratório; (11) quinta chamada do Rosário com a sua ermida de Nossa Se-

nhora do Rosário, propriedade que foi de André Machado de Lemos, hoje de seu filho José Machado de Lemos, com a sua ermida de Nossa Senhora da Conceição, que ardeu juntamente com as casas, posto o fogo pela tropa noutra tempo, ardendo casa e ermida<sup>3</sup>; (12) e finalmente uma outra ermida começada e nunca acabada no fim da freguesia, chamada Ermida do Oliveira. Isto além de outras muitas quintas que há na freguesia, todas de pessoas piedosas.

Além dos possuidores destas quintas, famílias havia, e ainda há, de piedade e religião, como por exemplo: a família Oliveira, André Machado de Lemos, Corvelos Machados e Machados Corvelos, João Gonçalves Bertão e depois seu filho José Gonçalves Bertão e seu neto José Machado Leonardo Bertão, Família Soares, Miguel Machado Ferreira, Francisco Bernardo da Câmara Madureira, Joaquim da Costa Franco, Caetanos.

Alguns destes, em especial, muito concorreram para as obras da nova paróquia, e para alfaias e paramentos, principalmente Corvelos, João Gonçalves Bertão e seu neto José Machado Leonardo Bertão e Roberto Luís de Mesquita Pimentel, que só para a sineira concorreu com 600\$000 reis, julgo eu, e com 60\$000 para o pórtico da porta principal.

Há lembrança da freguesia dar os seguintes padres no tempo em que era sujeita a S. Pedro: (1) o Pe. António Machado. Conta-se que era muito falazão e de génio terrível, e por isso estando o seu cadáver na essa chegou um seu irmão e lhe fez o seguinte cumprimento: “*Então que é isso Antonico? Já não dizes nada! Quem era tão falazão como tu eras, agora estás tão calado! Já te calas Antonico! Já não dizes nada*”. Julgo que este padre nunca foi empregado e até fora incomodado por rachar a cabeça a uma sua vizinha; (2) O Pe. Manuel Ferreira, muito virtuoso e que foi cura da freguesia. Depois de paróquia: (1) o Pe. José Bernardo Corvelo; (2) Pe. Joaquim Machado Corvelo, beneficiado da Sé; (3) Pe. Manuel Gonçalves Romeiro, altareiro da Sé; (4) Pe. José Gonçalves Mendes, atual cura da freguesia, e (5) o Pe. José Duarte Nunes empregado em S. Miguel. São estes os que me lembro haver, filhos do lugar da Terra Chã.

Vigários colados só tem havido 4 até o presente. Curas não tem conta, o Pe. Romeiro poderá dizer porque se lembra de quase todos. Como ele também me lembrarei de muitos, mas não posso agora fazer esse apontamento. Tesoureiros lembro-me de um chamado António dos Santos e depois julgo que um filho do mesmo nome; José Caetano Ferreira; Manuel Gonçalves Romeiro; Joaquim Ferreira Campos, hoje residente na América e atualmente André Coelho de Melo.

Foi a antiga Ermida, no tempo da revolução, ignoro o ano, assaltada pelos ladrões, 3 vezes:

uma arrombando o teto da sacristia, uma broqueando a fechadura da porta da mesma sacristia, mas nunca podendo entrar no interior da Igreja, nem roubar o que pretendiam, e outra vez não chegaram a entrar por serem pressentidos pelo quinteiro do prédio ou da Quinta de Belém, mas numa outra ocasião sempre puderam roubar o sino, e diz-se que o foram quebrar e derreter numa vinha na Canada de Belém, para fazerem patacos aos quais chamavam *Malucos!*

Ignoro quando o curato foi elevado a Paróquia, lá haverá documentos disso no arquivo. Julgo que o primeiro batizado que lá houve foi a 23 de novembro de 1835 e, portanto, é provável que fosse no dito ano de 1835.

A nova Igreja julgo que foi aberta ao culto público no princípio de novembro de 1849, servindo de paróquia, enquanto se construiu a nova igreja, a Ermida de Santa Luzia na Quinta do Carvalhal, saindo desta Ermida em procissão para a nova igreja uma imagem nova, não muito grande, de Nossa Senhora de Belém oferecida pelo Rev. Cónego José Machado Evangelho, pároco vigário dali (por se achar a antiga imagem bastante deteriorada, indo para a residência dos Senhores Corvelos) acompanhada por uma linda imagem de Santo António que o dito cura António Joaquim Borges pode alcançar, conduzida por mim e José Machado Cota ou *Machadinho*, sendo colocada num dos altares laterais onde ainda hoje se acha, sendo colocada no outro altar uma Imagem de Nossa Senhora do Carmo, conduzida por mim (antes do dia da festa de S. Francisco para Belém)... quando o mesmo Rev. Cura António Joaquim Borges mandou vir, sendo coadjuvado por alguns devotos, e a ele também se deve os retábulos da Capela Mor e laterais, que pôde alcançar de um convento, julgo que de S. Jorge, inutilizado. Assim como uma bela custódia oferecida pelo Ouvidor da Praia e pelo mesmo conduzida,<sup>4</sup> e outras muitas alfaias, festividades por ele promovidas, como por exemplo, não havia memória de se ter feito na freguesia a festividade do Rosário na sua ermida no dia próprio. Ele não só promoveu a festividade em 1850, mas a novena de música, fogo preso na véspera, coadjuvado por alguém, no ano seguinte alguns devotos se ofereceram para coadjuvarem um ou 2 anos mais, passando depois esta festividade a ser feita até o presente, a expensas do devoto da mesma senhora, o Ilustríssimo Francisco de Paula Barcelos dando todos os anos muitas esmolas a pão e carne nesse dia de festa que sempre tem sido feita no dia próprio da Senhora do Rosário, sem nunca ter sido transferida.

Alguém então, para afervorar mais a devoção à Nossa Senhora do Rosário, naquele tempo, estabeleceu o terço aos sábados e domingos. Achando-se a dita Ermida necessitada de repa-

<sup>3</sup> Esqueceu-me dizer o motivo por que se queimou esta Ermida e casa de habitação de André Machado de Lemos. Naquele tempo o povo padecia se dava agasalho à tropa, e padecia se favorecia de qualquer modo o João Moniz e Francisco de Almeida que andavam fugidos, e assim como os chamamos *guerrilhas*, ou *ladrões*.

Aconteceu alguns destes encontrarem um homem que levava um ofício da cidade para Santa Bárbara, onde se achava a tropa aquartelada e buscava dar caça aos ditos desertores. Tiraram o ofício e espancaram o portador dele, e foram dizer a quem governava que os tais guerrilhas se tinham safado entrando pelo portão do pátio, que dava servidão para a dita casa, ou grandes casas, do dito André Machado de Lemos. Isto foi bastante para no dia seguinte de madrugada vir a tropa, obrigar a família desta casa (pai, mãe, 5 filhas e 4 filhos) a levantar-se, fugindo o pai para o pomar nesta ocasião, pô-la em fileira defronte das casas, na estrada, para verem arder as casas e Ermida com tudo que tinham dentro. Vejam como estava esta família aflita por verem tudo em cinzas, e ainda mais porque julgavam que o tal André Machado se tinha escondido num falso, e assim estaria também reduzido a cinzas. Depois espalhou-se um boato de que depois do fogo aplacado ou de tudo reduzido a cinzas, tinham tirado muita prata derretida, dinheiro de pessoas da cidade que lá o tinham guardado, e eis que os guerrilhas, a quem diziam ele dava agasalho, entram de noite com esta família que se tinham recolhido numas casas de António de Oliveira e obrigam a entregar-lhe a tal prataria, e como não podiam entregar o que não possuíam, amarraram o tal André Machado, pregaram-no sobre um banco, obrigando a mulher a vir para ali com um alguidar para aparar o sangue daquele porco que iam sangrar, diziam eles. Depois convencidos talvez de que esta família não possuía valor algum, retiraram-se sem o matar. José Maria de Lemos filho do dito André Machado, único filho que hoje existe poderá dar melhores informações do que passaram e ouviram contar a seus aflitos pais.



A nova igreja de São Mateus em construção.

4 Nunca fiz tamanha viagem calçado e a pé, indo da Terra Chã para a cidade, daqui para o Cabo da Praia = dali para a Praia = da Praia para a cidade = daqui para Belém, num só dia! Porém a satisfação de conduzir para a mesma Paróquia uma tão bela e rica oferta me dava forças para caminhar com presteza, mais um homem que me acompanhava chamado António Machado (?) Froes, parecia-me que alguém me vinha roubar, ou que alguma ordem de arrependimento da parte do dito ouvidor me vinha requisitar! Entregue esta oferta à Junta, o Rev. Vigário recusou passar uma devesa da entrega! Cujas foi então feita pelo agenciador Rev. António Joaquim Borges, então já Vigário no Cabo da Praia.

5 À soma falta crescer \$240, embora esteja assim no original. [nota do autor do artigo]

rar o teto, fazer-se cancelas novas e outros serviços, os devotos concorriam ao sábado levando merendeiras da sua amassadura, e algumas pequenas esmolas obtidas. A quantia de reis 55\$045 desde 24 de junho de 1851 até 10 de julho de 1854, que foram despendidas no concerto do teto, nas cancelas, pintura, cortinados, alguns *rozairinhos*.

O já mencionado Francisco de Paula ofereceu um alampo, uma sineta, 32\$ de alvaiadas, 5 canadas de óleo para pintura, mandou dourar o retábulo da capelinha, julgo que também um pequeno lustro e o encarne da Imagem de Nossa Senhora. Algumas outras pessoas, principalmente Maria Augusta de Lemos e Teodora Cândida de Lemos, ofereceram toalhas, sanguinhos, manutégios, corporais, balças e véu do cálice. João Gonçalves Bertão 6 vasos para flores. Fizeram-se 3 cadeiras mochas, cardência, mesa na sacristia, e outras alfaias que foram precisas.

Em 1853 e 1854 eu e José Maria de Lemos, havendo nesse ano laranja velha ou redolho, como lhe chamavam, arranjamos 78 caixas de laranja, com muito custo porque um dava 1 cesto, outro 2, e nós é que a íamos apanhar, conduzir e encaixar. Uns davam madeira, outros a serravam, outros as conduziam para a cidade de favor e esmola e outras deram suas esmolas a dinheiro, na importância de 83\$530 com produto ou líquido das 78 caixas de laranja.

Esmolas	83\$530
Produto de 78 caixas de laranja	116\$240
<b>Total</b>	<b>199\$530<sup>5</sup></b>

Bancada dourada do Altar Mor de Belém	50\$300
Alcatifa para a Capela Mor	30\$100
4 castiçaleiras novas	10\$960
3 antigas (concerto e pintura)	4\$200
Feito do sítial e caixa para a custódia	1\$200
<b>Soma total da despesa</b>	<b>96\$760</b>

**Saldo a favor dos esmolantes 102\$770**

Ordenando-me eu nesse ano de 1854, e celebrando a primeira missa nessa Igreja de Belém no dia 5 de novembro de 1854, e sendo obrigado a apresentar-me de cura no lugar da Serreta no dia 12 do dito mês e ano, consultei alguns devotos que maior quantia me deram, sobre o que devia fazer daquela quantia ou saldo que existia em meu poder, os quais me disseram que a retivesse em meu poder, até um dia a poder gastar com a [?] na dita Igreja ou como entendesse. Assim fiz. Em 1861, em fevereiro, o atual Rev. Vigário Aguiar sabendo deste negócio, entendeu que

este dinheiro pertencia à Junta de Paróquia o administrá-lo e por isso, em nome da Junta, me oficiou pedindo-me e censurando-me de mal e indevidamente reter este dinheiro em meu poder! Dei-lhe uma resposta muito simples e recusando-me a entregá-lo, fui ameaçado da Junta usar do seu direito. Queixou-se ao Rev. Vigário Geral, principalmente da 2ª resposta, que foi mais explícita, no entanto fui retendo este dinheiro em meu poder, depois da nossa 2ª correspondência e conferência vocal com o Sr. Vigário Geral!

Saindo da Serreta em 1863, deliberei gastar o dito dinheiro, como gastei, na pintura de toda a Igreja, e carros grande e pequeno, a quantia de reis 147\$330. Tendo em meu poder só a quantia de reis 120\$770. Logo gastei mais da minha algibeira (pelo juro da mora) reis 44\$560. O mesmo Rev. Vigário, que tinha conhecido ter eu mal e indevidamente retido o dito dinheiro em meu poder, reconheceu então neste tempo que não era justo eu pagar tal quantia da minha algibeira, e deliberou ou apresentou em Junta para esta me indemnizar da dita despesa feita a mais por mim, porém, eu agradeci-lhe a sua generosidade, e nada quis aceitar. Nesse mesmo ano fez-me presidente de uma Comissão, composta dos membros Bento Soares Luís, Francisco de Barcelos Machado, José Machado Leonardo Bertão e julgo que um dos filhos de Francisco Corvelo ao pé da Igreja, não tenho nota dos que foram, nem sei se foram mais alguns!

Além de madeiras oferecidas para a dita sacristia, trabalhos e carros gratuitos, recebemos em dinheiro 507\$080 de esmolas alcançadas, sendo toda a despesa de reis 500\$710, incluindo nestas despesas um candeeiro para a dita sacristia na importância de 4\$800 e uma caixa que serve de arquivo da Junta 4\$800, ficando o saldo de 6\$370. Houve mais a despesa de 9\$600 com 2 fechaduras de segredos para a porta da dita sacristia, cuja quantia ignoro como foi adquirida pela dita comissão ou se foi o dito Vigário que as pagou. Houveram também benfeitores da cidade e outras freguesias que concorreram com suas esmolas, que seria necessário muito espaço para mencionar todos os benfeitores. A dita comissão além do seu trabalho e outras despesas que fez à sua custa ainda pagou jornais da sua algibeira a 44 jornaleiros, e a 8 rapazes no serviço da sacristia. Em 1866, recebi mais dos benfeitores 24\$180 para:

Um lustro do corpo da Igreja na importância de	20\$000
Condução, corrente de ferro, ganchos, coberta para o livrar do pó	3\$570
<b>Total</b>	<b>23\$570</b>
Saldo a favor da Igreja	\$610

No mesmo ano de 1866 recebi mais a quantia de reis 6\$660 para os resplendores de Santo Antão e Santo Amaro, que custaram a quantia de reis 5\$000. Ficando o saldo de reis 1\$660.

Estes 3 saldos na importância de reis 8\$640 foram entregues ao Rev. Vigário João de Aguiar Valadão para ajuda das despesas feitas com o harmónico que veio para a Igreja

de Belém no dia 17 de janeiro de 1867, que me parece custou 300\$000 reis sendo pago, segundo também me parece pela Junta de Paróquia e Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, metade cada uma.

Em 1868 recebi mais esmolas reis 282\$440, entrando nesta conta 82\$300 da ordem do Carmo, 18\$000 oferecidas por 5 mordomos do fogo (não me lembro se de Belém se do Carmo) e 12\$000 dos Procuradores do Império do Senhor Espírito Santo, sendo a dita quantia 282\$440 empregada na:

Bancada prateada do Altar-mor reis	67\$200
Altar do Carmo a maior	42\$000
Uma cruz de Paroquial	26\$400
Idem para a irmandade do Carmo	26\$400
1 turíbulo	14\$400
12 castiçais pequenos amarelos, e de os galvanizar	12\$960
De galvanizar 3 lâmpadas, 4 castiçais, caldeirinha, concha de batizar, e folha para as 4 rosetas de castiçais	14\$820
De dourar a custódia	12\$000
49 metros de alcatifa	48\$000

Em 1869 recebi mais esmolas reis 32\$180, para ajuda de 2 bancadas de castiçais acanudados brancos, custando uma bancada 30\$000 reis, outra 24\$000, ambas 54\$000 para os dois altares laterais, que entreguei ao Rev. Vigário Aguiar. Faltaram 21\$820, ignoro donde saíram. Recebi mais de dois devotos de São José para a sua festa 2\$400, que também entreguei ao dito Vigário.

Alguns devotos de Santo António concorreram com a quantia de reis 62\$000 além de outras quantias, segundo julho, que tudo foi entregue ao dito Rev. Vigário Aguiar para se dourar o Altar de Santo António. Mais que alguns devotos deram para metade da música de reis 6\$000 no ano de 1870.

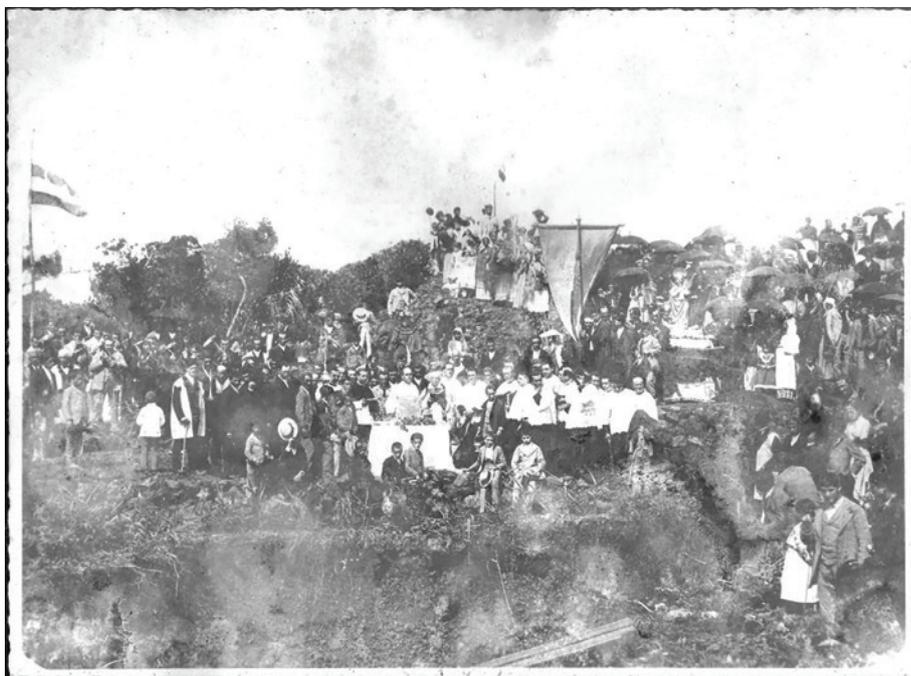
D. Maria do Carmo Borges e suas irmãs entregaram ao Padre Joaquim Machado Corvelo, a quantia de reis 15\$000 sendo gasto por ordem das mesmas senhoras numa lâmpada para o altar de Sto. António 13\$050 reis, numa cordinha para a sustentar 240 e 1\$800 em 6 vasos para o mesmo altar, pondo o Pe. Joaquim 90 reis qua faltaram.

Em todas as contas de esmolas recebidas entrava eu sempre com a maior parte ou esmola, como podia. Além disso, como V. Senhoria sabe, ultimamente entreguei-lhe mais a quantia de reis 43\$000 (em outubro de 1887). Tendo 12\$600, como saldo de alguma receita e despesa feita no mês de Maria nessa Igreja, antes de lá sair, e 30\$400 reis resto de umas esmolas que distribui a benefício da alma de D. António da freguesia dos Biscoitos.

Em maio de 1888 ofereci uma Imagem de Belém, com o seu Menino, e competentes coroas na importância de 206\$010.

Em novembro de 1890, uma Imagem de S. José, resplendor e vara de prata na importância de 116\$580.

Quantias que recebi dos devotos para a devoção do mês de Maria em 1872 em dinheiro reis 16\$585 e cera 82 reis. Em



Bênção da primeira pedra da nova igreja de São Mateus, com missa campal celebrada pelo Pe. José Bernardo Corvelo. 21 de setembro de 1895.

1874 cera 50 reis, dinheiro 28\$620. Em 1879 cera 26 reis, dinheiro 8\$400. Em 1880 cera 54 reis, dinheiro 6\$930. Em 1881 cera 15 reis, dinheiro 6\$995. Em 1882 cera 20 reis, dinheiro 8\$285.

O saldo dos primeiros dois anos foi empregado em 12 tochas para a Igreja, e o dos últimos 4 anos foram os ditos 12\$600 acima já mencionados, que foram entregues ao Rev. Vigário José Bernardo Corvelo de Ávila, isto é, a V. Senhoria.

Para a festa e Procissão do Carmo também recebi em 1870, mais o Rev. Manuel Gonçalves Romeiro, esmolas na importância de 82\$410. Deste dinheiro também se compraram 24 jarras para flores. Em 1871 na importância de 60\$365. Em 1872 recebi algumas esmolas que entreguei ao Rev. Vigário Aguiar (o qual recebeu também as demais que lhe foram entregues por outros devotos), na importância de reis 5\$380. Dos primeiros 2 anos houve o saldo só de 1960 que se empregou em cera para a Igreja, e nas ditas jarras. Da ajuda da festa, do patrocínio de São José, recebi em 1867, e que entreguei ao Rev. Vigário Aguiar 12\$510.

Em 1872, gastos na festa dita e cera para a Igreja 12\$990. Despendi naquele[?] ano com a música na festa de Nossa Senhora de Belém da minha algibeira, a quantia de 20\$000. Noutro ano para a ajuda do fogo, da véspera, 6\$000. Além doutras despesas miúdas, jantares, nas festividades.

O pontifical dourado e alâmpada de prata que ainda existe, foi uma subscrição feita no Brasil por um paroquiano dessa freguesia Joaquim Machado de Ávila (escaldo[?]) ignoro ao certo quanto custou, sei que foi uma boa porção de dinheiro, há-de haver no arquivo da Junta notas e sessões de muitas coisas destas, e como estas que lhe tenho contado. Para a nova Igreja paroquial julgo que só dei 20\$000 reis.

Eis aqui o que lhe posso contar, e o quanto sei, segundo os apontamentos, que por cá encontrei, casualmente. Devia copiar o que acabo de escrever e pôr as coisas por melhor ordem, mas não tenho tempo nem pachorra.

Aproveite V. Senhoria o que achar conveniente, desculpando as falhas do pobre escrevente.

Os maiores benfeitores que conheci na freguesia foram Roberto Luis de Mesquita, João Gonçalves Bertão, Família Corvelos Machados, todos já falecidos! Foram estes os que para a nova Igreja, e depois com o gradeamento de ferro para as janelas, concorreram com muitos centos de mil reis. Depois destes, outros de menos quantias, mas com boas esmolas. No arquivo hão de haver documentos de alguns benfeitores que deixaram boas esmolas para a igreja, como os ditos Corvelos (1 conto de reis para [?] ser metade para as sepulturas pobres e metade para a festa), D. Maria José C°. Borges, Francisco Vieira criado deste Cónego, José Machado Evangelho, D. Ana Mesquita irmã de Roberto Luís.

Todas as contas mencionadas nas relações encontradas andam por aí à roda de reis 1:898\$125, salvo o erro, além de despesas não contadas mais o valor de 247\$ da cera para os 6 meses de Maria a 500 reis [?]; outra 123\$500. Soma total reis 2:021\$625.

Setembro 1892